

## EÇA DE QUEIROZ

### NOME:

José Maria Eça de Queiroz

### A VIDA DO AUTOR:

Nasceu em Póvoa de Varzim, em 1845. Passou tôda a sua infância e adolescência afastado do lar paterno. Fêz os seus primeiros estudos no Pôrto, indo conclui-los em Coimbra onde se formou em direito, em 1866. Participou de várias manifestações literárias, como as conferências democráticas, do Cassino, em Lisboa, na mesma ocasião em que se estabeleceu como advogado. Ingressou, em 1873 na carreira política e é nomeado cônsul em Cuba, Inglaterra e finalmente, em Paris, onde morreu em 1900.

### A OBRA DO AUTOR:

Eça de Queiroz revelou-se como escritor nos folhetins da *Gazeta de Portugal*, e em 1870, colaborou com Ramalho Ortigão no romance policial *O Mistério da estrada de Sintra*, mais tarde, em *As Farpas*, uma verdadeira sátira à vida social. Na etapa realista, inicia-se com o conto *Singularidades de uma rapariga Loira*, em 1874, continuando em: *O Crime do Padre Amaro*, seu primeiro grande trabalho. A crítica social unida à análise psicológica prossegue em *O Primo Basílio*, *O Mandarim*, *A Relíquia*, *Os Maias*; obras estas que viu serem publicadas em volumes, enquanto vivo. Quanto às póstumas, as mais importantes são: *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e As Serras*, *Contos*, *A Capital*, *O Conde de Abranhos*, *Alves & Cia*. É de Eça de Queiroz, a tradução do inglês, do romance de Rider Haggard, *As Minas de Salomão*. Eça de Queiroz é o único romancista português que conquistou, no séc. XIX, fama internacional, conservada até os nossos dias, apesar de muito combatido por suas críticas à própria pátria e ao clero.

Introd. ao Primo Basílio  
de A. PISARRA. S. Paulo:  
Edição, s. d.

autor  
Augusto Pizarra

## INTRODUÇÃO

A 28 de fevereiro de 1878 a Livraria Chardron, do Pôrto, lançava a público mais uma obra de Eça de Queiroz — “O Primo Basílio” — romance de tese integrado nos princípios de análise científica, segundo os moldes experimentais do naturalismo.

... “Outrora no drama, no romance, concebia-se o jôgo das paixões *a priori*; hoje analisa-se *a posteriori*, por processos tão exatos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar.”

Pensando assim é evidente que Eça se enfeudara ao ideal naturalista ou experimental seguindo na esteira de Flaubert, dos Goncourts e de Zola. E nesta ordem de idéias concebeu “O Primo Basílio” traçando um pequeno quadro doméstico, “extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa: a senhora sentimental, mal educada, nem espiritual (porque, cristianismo, já o não tem; sanção moral de justiça, não sabe o que isso é) arrasada de romance, lírica, sôbre-excitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc, etc. — enfim, a *burguesinha da baixa*. Por outro lado, o amante — um marôto, sem paixão nem justificação da

ua tirania, que o que pretende é a vaidadezinha duma aventura e o amor grátis. Do outro lado, a criada, em revolta secreta contra a sua condição, ávida de desforra. Por outro lado ainda, a sociedade que cerca estes personagens — o formalismo oficial (Acácio), a beatice parva de temperamento irritado (D. Felicidade), a literaturinha acéfala (Ernestinho), o descontentamento azêdo e o tédio da profissão (Julião), e às vêzes, quando calha, um pobre bom rapaz (Sebastião). Um grupo social, em Lisboa, compõe-se, com pequenas modificações, destes elementos dominantes. Uma sociedade sobre estas falsas bases não está na verdade: atacá-las é um dever." *→ ulissião / Combate*

Assim, Eça escreveu a Teófilo de Braga definido o seu novo romance, que continuava a "arte de combate" iniciada no "Crime do Padre Amaro": o ataque às falsas bases da sociedade portuguesa. Ataque que, desta vez, desenvolvera através dos princípios do naturalismo, formulando uma tese social, o adultério motivado pela ociosidade da mulher. No entanto, como notou Gaspar Simões, a heroína de "O Primo Basílio", Luisa, não é exclusivamente portuguesa. "Flaubert tinha-a pôsto em arte na "Madame Bovary". Mas, enquanto Flaubert desenha uma humaníssima Ema, Eça, talvez pela preocupação de se conservar fiel ao "ideal" que escolhera, a "arte de combate", o ataque a uma sociedade falsa, cria uma Luisa artificial, um títere na opinião de Machado de Assis. Explique-se: Flaubert e Zola, obedientes aos cânones naturalistas adotaram sempre uma atitude objetiva de *experimentadores* perante os seus heróis e ante as reacções que logicamente, segundo a problemática prevista, tinham provocado. Assim, Ema Bovary e Thérèse Raquin surgem humanas, plenas de verdade psicológica, enquanto Luisa, talvez porque Eça a escolheu, ou melhor, a criou para consubstanciar os vícios da mulher portuguesa, (e não de uma determinada mulher como Ema, por exemplo) mostra-se "um caráter negativo", segundo o autor de "D. Casmurro". A propósito, é interessante lembrar, não podendo deixar-se de ressaltá-la, a atitude deveras elegante do autor de "Os Maias", perante a crítica do grande escritor brasileiro. Em carta datada de Newcastle-on-Tyne, de

29 de junho de 1878, Eça agradece a Machado de Assis a sua crítica:

"Exmo. Senhor e prezado colega:

Uma correspondência do Rio de Janeiro para o "Atualidade" (jornal do Pôrto) revela ser o Sr. Machado de Assis, nome tão estimado entre nós, o autor do belo artigo sobre "O Primo Basílio" e o Realismo publicado no "Cruzeiro" de 18 de abril, assinado com o pseudônimo de Eleuzar. Segundo essa correspondência há ainda sobre o romance mais dois folhetins de V. Sa. nos números de 18 e 30 de abril. Creio que outros escritores brasileiros me fizeram a honra de criticar "O Primo Basílio": — mas eu apenas conheço o folhetim de V. Sa., do dia 18, que foi transcrito em mais de um jornal português. O meu editor, Sr. Chardon, encarregou-se de coligir essas apreciações de que eu tenho uma curiosidade quase ansiosa. Enquanto as não conheço, não posso naturalmente falar delas — mas não quis estar mais tempo sem agradecer a V. Sa. o seu excelente artigo do dia 18. Apesar de me ser em geral adverso, quase revêso, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista — esse artigo todavia pela sua elevação e pelo talento com que está feito honra o meu livro, quase lhe aumenta a autoridade. Quando conhecer os outros artigos de V. Sa. poderei permitir-me discutir as suas opiniões sobre este — não em minha defesa pessoal (eu nada valho), não em defesa dos graves defeitos dos meus romances, mas em defesa da Escola que eles representam e que eu considero como um elevado fator do progresso moral na sociedade moderna.

Quero também por esta carta rogar a V. Sa. queira em meu nome oferecer o meu reconhecimento aos seus colegas de literatura e de jornal pela honrosa aceitação que lhes mereceu "O Primo Basílio". Um total acolhimento da parte de uma literatura tão original e tão progressiva como a do Brasil é para mim uma honra inestimável — e para o Realismo, no fim de tudo, uma confirmação esplêndida de influência e de vitalidade.

Esperando ter em breve a oportunidade de conversar com V. Sa. — através do oceano sobre estas questões de Arte, rogo-lhe queira aceitar a expressão do meu grande respeito pelo seu belo talento.

Addum au Consulat de Portugal

EÇA DE QUEIROZ

Pressupõe-se — assim o deduz, brilhantemente, Gaspar Simões — que a crítica de Machado de Assis e sobretudo a de Ramalho, êste ao dizer “que para evitar a morte por desgosto se deve atender no adultério a que se queimem as cartas” e aquêle, “a boa escolha dos fâmulos é uma condição de paz no adultério” — tenham mostrado a Eça de Queiroz, o *ter falhado* na efabulação de um romance de tese integrado nos princípios de análise científica à maneira experimental dos naturalistas; e de tal modo, essas duas críticas, tenham pesado no seu espírito, que o influenciaram, decisivamente, na evolução dos seus processos literários, pondo de parte nas obras futuras, a concepção rígida do “romance naturalista”. Assim deve ter sido, mas, acima de escolas, de *naturalismo*, de tudo, um pensamento dominava, avassaladoramente, o escritor — o ataque às falsas bases da sociedade portuguesa, satirizando-a, numa ansiedade construtiva, numa ansiedade de elevá-la a um grau de civilização, equiparável ao de países como a Alemanha, França e Inglaterra.

Ora o “Primo Basílio” servia bem êsse objetivo.

Por certo, como Stendhal previu das suas próprias obras, só muitos anos mais tarde os romances de Eça de Queiroz puderam ser compreendidos no alto significado da sua lição.

No entanto, “O Primo Basílio”, em princípio “O Primo João Carlos”, sendo uma falha quanto à concepção naturalista “é, sem dúvida, um escrínio surpreendente de maravilhas de arte”, como disse Antônio Sérgio.

AUGUSTO PISSARRA